 Tempo de leitura: 10 min.

(continuação do artigo anterior)

Recordação da função para a primeira pedra fundamental da igreja dedicada a Maria Auxiliadora em 27 de abril de 1865.

FILÓTICO, BENVINDO, CRATIPO E TEODORO.

Filót. Que bela festa é a de hoje!

Crat. Uma festa muito bonita; estou neste Oratório há muitos anos; mas nunca vi uma festa assim, e será difícil fazermos outra festa semelhante no futuro.

Benv. Eu me apresento a vocês, queridos amigos, cheio de admiração: não sei o motivo.

Filót. De quê?

Benv. Não sei o motivo daquilo que vi.

Teod. Quem é você, de onde vem, o que viu?

Benv. Sou de fora e deixei minha cidade natal para me juntar aos jovens do Oratório de São Francisco de Sales. Assim que cheguei a Turim, pedi para ser conduzido para cá, mas assim que entrei, vi carros enfeitados de forma majestosa, cavalos, empregados e cocheiros, todos vestidos com grande magnificência. É possível, disse a mim mesmo, que esta seja a casa em que eu, um pobre órfão, vim morar? Em seguida, entro no recinto do Oratório, vejo uma multidão de jovens gritando dominados pela alegria e quase frenéticos: Viva, glória, triunfo, boa vontade de todos e sempre. – Olho para o campanário e vejo um pequeno sino balançando em todas as direções para produzir um toque harmonioso a cada esforço. – No pátio, música daqui, música dali: alguns correm, outros pulam, uns cantam, outros tocam. O que é tudo isso?

Filót. Aqui está o motivo em duas palavras. Hoje foi abençoada a pedra fundamental de nossa nova igreja. Sua Alteza o Príncipe Amadeu se dignou vir e colocar a primeira cal sobre ela; Sua Excelência o Bispo de Susa veio para realizar o serviço religioso; os outros são uma série de nobres personagens e ilustres benfeitores nossos, que vieram prestar suas homenagens ao Filho do Rei e, ao mesmo tempo, tornar mais majestosa a solenidade desse belo dia.

Benv. Agora entendo o motivo de tanta alegria; e vocês têm bons motivos para celebrar uma grande festa. Mas, se me permitem uma observação, parece-me que vocês entenderam tudo errado. Em um dia tão solene, para dar as boas-vindas adequadas a tantas pessoas ilustres, ao augusto Filho do nosso Soberano, vocês

deveriam ter preparado grandes coisas. Deveriam ter construído arcos triunfais, coberto as ruas com flores, enfeitado cada canto com rosas, adornado cada parede com tapetes elegantes e mil outras coisas.

Teod. Você tem razão, caro Benvindo, você tem razão, esse era o nosso desejo comum. Mas o que você quer? Pobres jovens, como somos, fomos impedidos de fazê-lo não pela vontade, que é grande em nós, mas por nossa absoluta impossibilidade.

Filót. A fim de receber dignamente nosso amado Príncipe, há alguns dias todos nós nos reunimos para discutir o que deveria ser feito em um dia tão solene. Um deles disse: “Se eu tivesse um reino, eu o ofereceria a ele, pois ele é realmente digno dele”. Excelente, responderam todos; mas, pobres coitados, não temos nada. Ah, acrescentaram meus companheiros, se não temos um reino para lhe oferecer, podemos pelo menos torná-lo rei do Oratório de São Francisco de Sales. Que sorte a nossa! exclamaram todos, assim a miséria acabaria entre nós e haveria uma festa eterna. Um terceiro, vendo que as propostas dos outros eram infundadas, concluiu que poderíamos fazê-lo rei de nossos corações, senhor de nossa afeição; e como vários de nossos companheiros já estão sob seu comando na milícia, oferecer-lhe nossa fidelidade, nossa solicitude, caso chegue o momento de servirmos no regimento que ele dirige.

Benv. O que seus companheiros responderam?

Filót. Todos eles receberam esse projeto com alegria. Quanto aos preparativos para a recepção, fomos unânimes: Esses senhores já veem grandes coisas, coisas magníficas, coisas majestosas em casa, e eles saberão como acolher com piedade benigna pela nossa impotência; e temos motivos para esperar muito da generosidade e da bondade de seus corações.

Benv. Bravo, você falou bem.

Teod. Muito bem, eu aprovo o que você diz. Mas, enquanto isso, não devemos, ao menos de alguma forma, mostrar-lhes nossa gratidão e dirigir-lhes algumas palavras de agradecimento?

Benv. Sim, meus caros, mas primeiro gostaria que satisfizessem minha curiosidade sobre várias coisas relacionadas aos Oratórios e às coisas que são feitas neles.

Filót. Mas faremos com que esses amados Benfeitores exercitem demais sua paciência.

Benv. Acredito que isso também será do agrado deles. Pois como eles foram e ainda são nossos distintos Benfeitores, ouvirão com prazer o resultado de sua beneficência.

Filót. Não sou capaz disso, pois faz apenas um ano que estou aqui. Talvez

Cratipo, que é o mais velho, possa nos satisfazer. Não é mesmo, Cratipo?

Crat. Se julgarem que sou capaz disso, terei prazer em tentar satisfazê-los. – Antes de mais nada, direi que os Oratórios, em sua origem (1841), nada mais eram do que reuniões de jovens, em sua maioria de outros lugares, que vinham em dias de festa a locais específicos para serem instruídos no catecismo. Quando locais mais adequados se tornaram disponíveis, os Oratórios (1844) passaram a ser locais onde os jovens se reuniam para uma recreação agradável e honesta após cumprirem seus deveres religiosos. Assim, brincar, rir, pular, correr, cantar, tocar trombeta, bater tambores era o nosso entretenimento. – Um pouco mais tarde (1846), foi acrescentada a escola dominical e, em seguida (1847), as escolas noturnas. – O primeiro oratório é este onde estamos agora, chamado de São Francisco de Sales. Depois desse, foi aberto outro em Porta Nova; mais tarde, outro em Vanchiglia e, alguns anos depois, o de São José em São Salvano.

Benv. Você me conta a história dos Oratórios festivos, e eu gosto muito disso; mas gostaria de saber algo sobre essa casa. Em que condições os jovens são recebidos nessa casa? Em que eles se ocupam?

Crat. Posso explicar-lhe. Entre os jovens que frequentam os Oratórios, e também de outras regiões, há alguns que, ou porque são totalmente abandonados, ou porque são pobres ou são carentes de bens, os aguardaria um triste futuro, se uma mão benévola não cuidasse deles como um pai, não os acolhesse, e não lhes desse o necessário para viver.

Benv. Pelo que você me diz, parece que esta casa é destinada a jovens pobres, e enquanto isso eu vejo todos vocês tão bem vestidos que me parecem filhinhos de papai.

Crat. Veja, Benvindo, em vista da festa extraordinária que fazemos hoje, cada um pegou tudo o que tinha ou podia ter de mais bonito, e assim podemos ter, se não uma apresentação majestosa, pelo menos compatível.

Benv. Vocês são muitos nesta casa?

Crat. Somos cerca de oitocentos.

Benv. Oitocentos! Oitocentos! E como saciar o apetite de tantos destruidores de pães?

Crat. Isso não nos diz respeito; o padeiro se encarrega disso.

Benv. Mas como fazer frente às despesas necessárias?

Crat. Dê uma olhada em todas essas pessoas que gentilmente nos ouvem, e você saberá quem e como elas nos sustentam com o que precisamos para alimentação, roupas e outras coisas que são necessárias para esse propósito.

Benv. Mas o número de oitocentos me surpreende! Com o que todos esses jovens podem estar ocupados dia e noite?

Crat. É muito fácil ocupá-los à noite. Cada um dorme em sua cama e permanece disciplinado, em ordem e silêncio até de manhã.

Benv. Mas você está brincando.

Crat. Digo isso para responder à brincadeira que você propôs. Se quiser saber quais são nossas ocupações diárias, eu lhe direi em poucas palavras. Os meninos são divididos em duas categorias principais – uma de artesãos e outra de estudantes. – Os artesãos se dedicam aos ofícios de alfaiates, sapateiros, ferreiros, carpinteiros, encadernadores, compositores, impressores, músicos e pintores. Por exemplo, essas litografias e essas pinturas são obra de nossos companheiros. Este livro foi impresso aqui e encadernado em nossa oficina.

Em geral, portanto, todos são estudantes, porque todos têm de frequentar a escola noturna, mas aqueles que demonstram mais capacidade e melhor conduta geralmente são encaminhados exclusivamente a seus estudos por nossos superiores. É por isso que temos o consolo de ter entre nossos companheiros alguns médicos, notários, advogados, professores, catedráticos e até mesmo párocos.

Benv. E toda essa música vem dos jovens dessa casa?

Crat. Sim, os jovens que acabaram de cantar ou tocar são jovens desta casa; de fato, a composição musical em si é quase toda obra do Oratório; pois todos os dias, em um horário específico, há uma escola especial, e cada um, além de um ofício ou estudo literário, pode avançar na ciência da música.

Por essa razão, temos o prazer de ter vários companheiros nossos que exercem luminosos cargos civis e militares para a ciência literária, enquanto não poucos são designados para a música em vários regimentos, na Guarda Nacional, no mesmo Regimento de Sua Alteza, o Príncipe Amadeu.

Benv. Isso me agrada muito; assim, aqueles meninos brindados pela natureza com um gênio perspicaz podem cultivá-lo, e não são forçados pela miséria a deixá-lo ocioso, ou a fazer coisas contrárias às suas inclinações. – Mas diga-me mais uma coisa: quando entrei aqui, vi uma igreja já construída, e você me disse que é preciso construir outra: qual a necessidade disso?

Crat. O motivo é muito simples. A igreja que estávamos usando até agora foi especialmente planejada para os jovens externos que vinham nos dias festivos. Mas, devido ao número cada vez maior de jovens acolhidos, a igreja ficou apertada, e os externos ficaram quase totalmente excluídos. Assim, podemos calcular que nem mesmo um terço dos jovens que frequentavam a igreja podia ser acomodado. – Quantas vezes tivemos de mandar embora multidões de jovens e permitir que eles fossem mendigar nas praças pelo simples fato de que não havia mais espaço na igreja!

Deve-se acrescentar que, da igreja paroquial de Borgo Dora até São Donato,

há uma multidão de casas e muitos milhares de habitantes, no meio dos quais não há igreja, nem capela, nem pouco ou muito espaço: nem para as crianças, nem para os adultos que as frequentam. Portanto, havia a necessidade de uma igreja espaçosa o suficiente para acomodar as crianças e que também oferecesse espaço para os adultos. A construção da igreja que é o objeto de nossa festa busca atender a essa necessidade pública e grave.

Benv. As coisas assim expostas me dão uma boa ideia dos Oratórios e do propósito da igreja, e acredito que isso também seja do agrado desses senhores, que assim sabem onde vai acabar sua caridade. Lamento muito, no entanto, que eu não seja um orador eloquente ou um poeta talentoso para improvisar um discurso esplêndido ou um poema sublime sobre o que você me disse com alguma expressão de gratidão e agradecimento a esses senhores.

Teod. Eu também gostaria de fazer o mesmo, mas mal sei que, na poesia, o comprimento das linhas deve ser igual e não mais do que isso; portanto, em nome de meus companheiros e de nossos amados Superiores, direi apenas a Sua Alteza, o Príncipe Amadeu, e a todos os outros senhores que ficamos encantados com essa bela festa; que faremos uma inscrição em letras douradas na qual diremos:

Viva eterno este dia!
Antes que o sol do Ocaso
Possa retornar ao seu Oriente;
Cada rio à sua nascente

Antes volte para trás,
Do que apagar de nossos corações
Este dia que entre os mais belos
Entre nós sempre será.

Em particular, digo a Vossa Alteza Real que lhe dedicamos grande afeição, e que nos fez um grande favor ao vir nos visitar, e que sempre que tivermos a sorte de vê-lo na cidade ou em outro lugar, ou ouvir falar de Vossa Alteza, isso sempre será para nós um objeto de glória, honra e verdadeiro prazer. Entretanto, antes de nos falar, permita-me, em nome de meus amados Superiores e de meus queridos companheiros, pedir-lhe um favor: que se digne vir nos visitar em outras ocasiões para renovar a alegria deste belo dia. E, Excelência, continue com a benevolência paternal que nos demonstrou até agora. E o Senhor Prefeito, que de tantas maneiras participou do nosso bem, continue a nos proteger e obtenha para nós o favor de que a rua Cottolengo seja retificada em frente à nova igreja; e nós lhe

asseguramos que redobraremos nossa profunda gratidão a Vossa Excelência. Senhor Cura, digne-se nos considerar sempre não apenas como paroquianos, mas como filhos queridos que sempre reconhecerão no senhor um pai terno e benevolente. Recomendamos a todos os senhores que continuem a ser, como foram no passado, distintos benfeitores, especialmente para concluir o santo edifício que é objeto da solenidade de hoje. Ele já começou, já está se erguendo acima da terra e, com este fato, ele mesmo estende a mão aos caridosos para que o levem a termo. Por fim, enquanto lhes asseguramos que a lembrança deste belo dia permanecerá grata e indelével em nossos corações, oramos unanimemente à Rainha do Céu, a quem o novo templo é dedicado, para que ela lhes obtenha do Doador de todos os bens uma vida longa e dias felizes.

(continua)